

SEMANA PORTUGUESA



Dr. Francisco Gentil, figura
de relêvo na cirurgia mundial
e uma das maiores sumidades
da nossa terra.



8

REVISTA DE
INFORMAÇÃO
E
CRÍTICA

1\$00

SEMANA PORTUGUESA

Crítica
Actualidades

Arte
Literatura

Administrador: JOSÉ B. VICENTE
Redacção e administração e oficinas ≡ RUA
LUZ SORIANO, número 94 ≡ LISBOA

DIRECTOR
CARLOS DO AMARAL
Redactor principal: *Bandeira de Tóro*

Editor RAUL DE LYZ ≡ Propriedade da
Empresa da «Semana Portuguesa» (em orga-
nização) ≡ Rua Luz Soriano, número 94

À VOLTA DUMA CAMPANHA...

VERDADE E FIRMEZA!

APÓZ a nossa campanha desassombrada e firme em resposta ao sr. Pereira da Rosa, era tenção e propósito nosso, pôr um ponto na discussão encetada, tanto mais, que o director do Século se esquivava ao nosso desafio mergulhando a sua pena na sombra cautelosa do silencio...

Mas, nem tudo corre a medida dos nossos melhores desejos, e eis que somos forçados a voltar ao assunto já muito clara e suficientemente debatido, quando é certo que ficou publicamente demonstrado que nem sempre o gigante engole o pigmeu.

A resposta foi escrita, chegou até a sêr composta pelos tipografos nas oficinas do órgão da finança mas caso curioso... voltou novamente aos caixotins, mas sem que chegasse ao nosso conhecimento.

Informam-se da Semana Portuguesa, informaram-se da vida publica e particular do seu director, informaram-se da vida e do passado do nosso chefe de redacção, emfim, vascolharam tudo, tal como mulheres alcoviteiras e propensas a bater lingua e... co-so curioso, não se desafrontavam combatendo a doutrina circunstanciada do director desta revista, desa-

frontavam-se atacando um homem que nada tinha que vêr com a personalidade de quem encetou a questão.

Isto é, fugiam aos encartes, como se diz em linguagem popular e correntia; pena foi porem que o artigo não viesse a publico, para que respondendo á letra pudessemos dar aos leitores da nossa revista, alguns dados biograficos interessantissimos sobre o passado do sr. Pereira da Rosa e que guardamos cautelosamente no arquivo da «Semana Portuguesa».

Das informações colhidas por um dos reporteres do jornal «O Século na repartição onde prestamos serviço, pena foi que as não tomassem publicas porque em nada absolutamente nos afetam ou envergonham, pelo contrário, delas transpareciam nitidamente a nossa consciencia e o nosso passado correto e digno.

Talvês não fôsse esta a bagagem que o sr. Pereira da Rosa procurava para bater-nos e dahi o seu silencio inutilizando o que estava escrito.

Foi pena, foi pena porque lhe demonstrariamos mais uma vez que sabemos combater com Verdade e com Firmeza,

CARLOS DO AMARAL

«Semana Portuguesa»

é a revista que mais convém ao anunciante que queira reclamar os seus produtos.



por
FREDERICO DE BRITO

VIRAM PARA AÍ O ENTRUDO ?

VIRAM para aí o Entrudo? Sabem onde pára o carnavaul? Não viram para onde êle foi?

Isto preguntava a mim mesmo, durante êstes três dias de folguedos, sem encontrar uma resposta às minhas perguntas.

Pobre entrudo!

Só agora soube que andou aborrecido, insípido, pelos bailes particulares, com um embrulhinho de pasteis ordinários e uma garrafa dum «Porto» barato.

E como êle andou!...

Velho, estrupiado, a coisa mais sensaborona que podia haver!

Que nos trouxe êle à rua?

Meia duzia de máscaras sem gôsto e umas creancitas que dentro daquela indumentária, pensavam lá para consigo que os avosinhos nos seus tempos, deviam ter sido uns grandes brincalhões.

Houve quem o quizesse reconstituir, lembrando o carnaval de há trinta anos.

Meu Deus, que pobreza!

Aquela dança da luta, era apenas uma pálida idéa da outra dança da Bica e o batalhão *carnavalesco*... não falemos nisso!

Por isso é que o entrudo andou pelos bailes particulares, a bailar ao som de grafonolas.

E como êle ia!

Fato de «soirée», escondido num sobretudo cebeuto e chapéu às três pancadas.

Pobre Entrudo!

Viram para aí o Entrudo?

—O quê, aquêlê, vestido de *Matrafona*?

Se é êsse vi-o! Metia dó!

E' já preciso ter *máscara*, para não vermos através aquêlê riso pálido, tôda a pobreza de espírito!

E' êsse o Entrudo? Não é?

Então reparem nêste grupo:

Um dominó tão desbotado, que anda a envergonhar-se de ter saído do guarda-roupa; dois trajes de minhota, a dizerem um para o outro aquêlê calção moderno: não tens planta nenhuma!; e, a completar, aquêlê galego estafado de pedir

corôas, como se fôsse depo-las na tumba do Carnaval.

E' êste o Entrudo que anda a pedir esmola com um riso forçado?

Ah! não é?

Então vem comigo. Vamos percorrer os teatros. Estará cá o Entrudo? Se está, tem que vir e bailar sózinho, pois quem cá veio, viria disposto a tudo menos, a divertir-se.

Não vês a *Folia* como se esconde? Ela já te viu! Sabê que tu a conheces e amanhã ris-te dela como ela hoje força por se rir dos outros.

E o entrudo? Não está cá; a não ser que ande disfarçado!

Viram para aí o Entrudo?

Não viram? Vamos ao baile das Pires. Estão cá as Bastos, as Sois, as Silvas e... divertem-se.

O traje é a rigôr como a rigôr é tudo o que se passa aqui dentro.

A grafonola vomita um tango. O C. T. 1 qualquer coisa, apresenta hoje um programa de música para baile e isto está animado.

Hade ser um belo *assalto*!

Agora dêsde que o Lampeão appareceu, a moda são os *assaltos*. Mas deixa que por cá talvez te assal-

tem os pasteis e o vinho que trazes.

Espera! Vais ouvir aquela pequena dos olhos negros que se acentou ao piano.

Procura tu um compasso para a dança, que ela ainda não descobriu um compasso para a música. Vais fartinho de gosar! Mas agora me lembro: E o Entrudo?

V. Ex.^a viu por cá o Entrudo?

— Seria aquêlê de mascarilha verde que não quiz descobrir o rôsto? Mas não era um rapaz «chic»? O' Maria Julia?!

O papá fez mal em ter deixado entrar aquele tipo de mascarilha vêrde! Parece que não era pessoa séria!

—?

— Sim; parece que lhe chamam o entrudo!

Repara agora nos pares.

Bem te disse eu que isto aqui é tudo a rigor! Olha para elas; pintam-se, compõem-se e descompõem-se, mas não encontram uma atitude que prenda os olhares daqueles rapazes de ombros postigos e que usam ondolação permanente. Já vimos que o Entrudo não está aqui portanto saiamos.

Madrugada já.

Quereis ir a um *Club*?

— Talvez ali se encontre o Entrudo. Não tens convite? Espera que seremos convidados; é questão de *Escudos*.

Para que entrámos nós?

Senta-te aí a uma mesa abancamos e bebemos não venha por aí o Entrudo a rir-se de nós, que o não sabemos gosar, à moderna!

Há pares para o baile. Aqui está tudo apresentado por sua natureza. Que tal? Aqui os divertimentos são tantos que até aborrece!

Aquela «Pompador» com quem eu dancei um fox, baixou a máscara para que eu lhe visse o rôsto. Não lhe digas nada. Ela supõe que a não conhecem, coitada!...

Desde o ano passado que anda assim num Carnaval perpétuo!

Como tudo isto é triste!

Como isto tudo é pobre!

Viram para aí o Entrudo?

GENTENO & NEVES, L. DA

204, Rua da Prata, 206

Depósito de drogas, tintas, vernizes, alvaiades e secantes da marca «Fiel». Essências para lenço e de frutos em todos os aromas. Vendidas por grosso e a retalho. Fornecedor dos Hospitais Civis.

Carta



Semana

Engrácia. Lá vens tu com mais toleimas,
 Consumir a minha vida descuidada;
 Francamente é um azar, uma massada,
 Por mais que te previna, sempre teimas.
 Que tem que vá a Vigo? Fantasista.
 Não vou por ter prazer, mas por missão;
 Ninguém melhor que eu na Redacção,
 Irá fazer a reportagem p'ra revista.
 Depois o meu aprumo e elegancia,
 A minha verve, o meu elou, o meu saber;
 Esta facilidade, que tenho p'ra escrever,
 Dão-me entre todos mais valor e importância.
 Eis a razão porque o nosso director,
 Pessoa inteligente e sabedora;
 Faz de mim uma taboa salvadora,
 Um cristo milagroso e redentor.
 Devias ter vaidade, não te orgulhas,
 Da minha prósa, alegre, cintilante?
 Não aprecias esta musa delirante,
 Em que vaidosa, por vezes te mergulhas?
 Engrácia, grava bem nessa memoria,
 O apogeu a que t'io alto me guindei;
 Estou prestes a atingir o que sonhei,
 Sinto que breve chegarei á gloria.
 Mas é tão simples, acredita, esta viagem,
 Que só tem a caracterisala a cortesia;
 Dum povo nosso irmão na fidalguia,
 A quem vou sem favôr, servir de pagem,
 Que dirias então, se eu fôsse p'ra Paris,
 Essa cidade de luz, de fausto, de prazer;
 Eras capaz minha Engrácia de morrer,
 De dar á luz antes de tempo, outro petiz.
 Socega pois esse teu sêr irrequieto,
 Põe termo ao teu ciume alroz e desvairado;
 Em Vigo serei eu o homem mais correto,
 Por mal dos meus pecados, estou casado.

LARAMA

ALHAMBRA

Cabaret ♦ Dancing ♦ Restaurant

O Salão mais
animado e
alegre do Par-
que Mayer

CINE E VARIEDADES

♦ ABERTO TODA A NOITE ♦

M. MARTINS

Aparelhos Orthopédicos
e Protheticos, Fundas,
Cintas Medicinais, Meias
—:elásticas, etc.:—

*Fornecedor dos Hos-
pitaes Civis, Militares e
dos Caminhos de Ferro
Portuguezes*

Medalha de Ouro na Expo-
sição do Rio de Janeiro 1908

170, Rua da Madalena, 172
Antiga Calçada do Caldas

LISBOA

PÁGINA LITERÁRIA

ANTITESE

*O azul, o mar, as flôres, e o ambiente,
Ou físico ou moral, que o sêr encerra,
As relações do mundo, e céus e terra,
Tudo, o que ao pobre sêr se ponha em frente ;*

*A vida em seus instintos, e a mente,
Que ora se arroja forte, ora se aterra ;
Tudo varia, segundo quem lhe ferra,
Amôr ou ódio, o seu ferino dente.*

*Que o pobre, sem amôr, não tem alento,
Nem sentidos talvez, vive no ar,
Com vãos terrores a ncher-lhe o pensamento...*

*Louco se torna, sempre a imaginar ;
E pode talvez passar sem sentimento,
Se por sentir-se firme, ou por amar !*

ALEXANDRE FONTES

TREZ GRAÇAS

*Fragmentos de minh'alma e rosas perfumadas,
Produto dum tão grande e tão sincero amôr,
Vós sois a minha es'rança ó fadas encantadas,
Perolas do meu colar, e joias de valôr.*

*Vós sois da minha vida, o úni o esplendor.
Sois do meu coração, as chaves consagradas,
Do meu cérebro sois o astro reflector,
Madrigal juvenil das minhas alvorçadas.*

*Vós sois o meu orgulho, ó virgens pequeninas,
Corações inocentes e almas porpurinas,
Três graças, três amôres de feições escolhidas !*

*As vossas fontes beije as vossas mãos tão puras ;
Seja a vida p'ra vós repleta de venturas,
É o que mais vós desejo, ó minhas filhas qu'ridas.*

BANDEIRA DE TÓRO

Pátria nossa

*Tenho corrido o mundo, sem repouso,
E em tôda a parte sou, por meus pecados,
Aquêlê Português aventureiro
Que só tristezas vê, sò vê enidados...*

*E dizem os meus sonhos naufragados.
— «Coração esforçado e valoroso,
Como os antigos Nautas memorados,
Quando dobras o Cabo Tormentoso ?*

*Mostram-te a Paz, buscas a Dôr e a Guerra
Foges do Bem, voltas ao teu País...
Como seguir-te, assim, de serra em serra ?»*

*E o coração aventureiro diz :
— «Antes sêr desgraçado em nossa terra,
Do que na terra alheia sêr feliz...»*

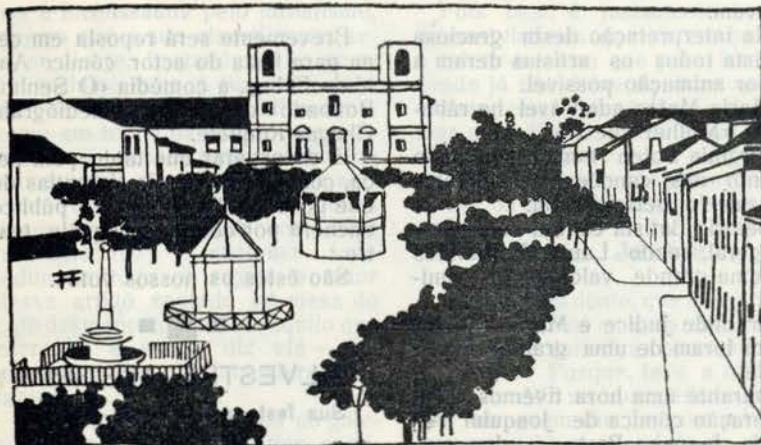
RIBEIRO DE CARVALHO

DA «REVISTA EDITORIAL»

VILA VIÇOSA
VAI TER A SUA

MONOGRAFIA HISTORICA

PORTUGAL PAIS
DE TURISMO



Praça da Republica de Vila Viçosa

A «Revista Editorial», dirigida pelos ilustres jornalistas Julio do Amaral, e Albino Lapa, como já dissemos, veio preencher uma lacuna no nosso meio literário pela sua apresentação merecer os mais rasgados elogios, insere na parte Revista, propriamente dita, no seu ultimo numero colaboração de: Diogo de Macedo, Teixeira de Pascoais, Augusto d'Isaguy, Adolfo Simões muller, Teixeira Cabral, Nogueira de Brito, Izidro Aranha, Fernanda de Castro, Antonio Ferro e Antonio Pedro.

Na parte de Separatas reedita esta publicação um famoso folheto, de 1580, que regula os meios de defeza da peste com o seguinte titulo: «Recopilçam das cousas que convem guardarse». No modo de preservar a cidade de Lisboa». Este trabalho digno da maior atenção de todos os medicos portugueses e da Direcção Geral de Saude, vai ser prefaciada pelo ilustre homem de letras e académico sr. Albino Forjaz de Sampaio.

A outra separata é dedicada á Pátria dos Braganças, da autoria

E ditada pelo nosso presado amigo Joaquim A. Matias (Netto) temos presente numa magnifica edicção [em Francez profusamente ilustrada da conferência ha tempos realisada pelo ilustre economista sr. Joaquim Roque da Fonseca.

No nosso próximo numero nos referiremos mais largamente á utilidade da obra.

de Albino Lapa, que noutros trabalhos como a «Questão dos Paineis» e «Aviação Portuguesa» firmou as suas qualidades de bom investigador, intitulado este seu novo trabalho historico de: VILA VIÇOSA-CALIPONE PÁTRIA MEA. HISTORICA ARTISTICA-MONUMENTAL.

Dada a importancia deste trabalho historico, chamamos a atenção das Camaras Municipais do Alentejo, para que esse estudo faça parte das suas Bibliotecas.

Esta Revista logo que termine a publicação do estudo sobre Vila Viçosa, iniciará um outro volume a linda Peroia do Oceano — Madeira — da autoria do ilustre escritor e jornalista sr. Julio do Amaral.

LAMPADAS PHILIPS

POUPAM A VISTA E O CONSUMO DE CORRENTE



T · E · A · T · R · O

NACIONAL — Zarzuela de Xavier de Burgos. Música de Jerónimo Gimenes. — *El baile de Luiz Alonso*.

Para complemento do programa de carnaval, foi posta em cena a pitoresca zarzuela «Chicas» «El baile de Luiz Alonso».

Rigorosa interpretação, e tal foi ela, que não teve nada de carnavalesca, pois foi declamada e cantada a rigôr como se espanhóis fôsem os artistas.

O grande mestre António Pinheiro movimentou-a com alegria, dando-lhe o seu valioso concurso.

Palmira Bastos, demonstrou mais uma vez os grandes recursos como cantora que foi de opereta, sendo uma garrida Maria de Jesus.

Amélia Rey Colaço uma cigareira verdadeiramente espanhola.

Maria Clementina, sempre a mesma artista que é.

As duas restantes figuras femininas acertaram lindamente o enlenco.

Nascimento Fernandes com aquela graça que todos dizem que tem, Robles Monteiro num «El Marquez», Raul de Carvalho compoz a rigôr um tipo de «chulo».

Os restantes animaram o mais possível o desempenho.

Bailados ensaiados por Encarnacion Fernandez.

René Bohet, valorizou com a sua regência, um conjunto afinado de orquestra e còros,

Enfim, espectáculo original e alegre.

J. M. B.

AVENIDA — *Tu cá, tu lá* — Revista em 1 acto e 11 quadros, original de João Bastos, música de Wenceslau Pinto.

Como que o «Noivo das Caldas» não fôsse o suficiente para aguçar o desejo dos que necessitam de desopilar o fígado nesta época carnavalesca, teve o público do Avenida a grande sorte de vêr novamente pela mão inesgotável de graça de João Bastos, vêr subir à cena o «Tu cá, tu lá» revista onde há de tudo que tem graça às carradas e um comentário feliz.

Wenceslau Pinto musicou-a com

a vivacidade e o sentimento que convem.

Na interpretação desta graciosa revista todos os artistas deram a maior animação possível.

Maria Matos admirável na rábula da «Mulher que ri».

Virginia Solen têm o seu justo triunfo nas canções hespanholas em que foi perfeitíssima.

Beatriz Batista cantou com agrado geral, sendo Laura Fernandes de uma grande valorisação cômica.

Brunilde Judice e Maria de Oliveira foram de uma grande vivacidade.

Durante uma hora tivêmos a colaboração cômica de Joaquim Almada, Joaquim Prata, e dos restantes terminando a contento de todos os espectadores de carnaval.

J. B.

IMPRESSÕES

S. CARLOS

Continua a ter o maior exito a engraçadíssima comédia «Os hóspedes de D. Epifânia» que o público tôdas as noites aplaude com entusiasmo.

Esta comédia de Vasco Mendonça Alves consegue arrancar o riso aos mais sisudos e os aplausos no desempenho que está a cargo de Ilda Stichini, Ester Leão, Amélia Pereira, Irene Isidro, Alexandre de Azevedo e os restantes.

Recomendável pois para esta época em que a vida é cheia de preocupações.

NACIONAL

Quem nao viu a engraçada zarzuela «El baile de Luiz Alonso» não deixe de ir ao Nacional pois está a dar as últimas representações assim como a comédia de grande espirito «O homem das calças pardas».

Além do grande conjunto de artistas temos o desopilante trabalho de Nascimento Fernandes.

AVENIDA

Brevemente será reposta em cena para festa do actor cómico António Palma, a comédia «O Senhor Roubado» do grande comediógrafo Chagas Roquete.

E' de esperar que tanto pela peça, como pelas gerais simpatias de que gosa António Palma, o público encherá por completo aquêl teatros.

São êstes os nossos votos.



SILVESTRE ALEGRI

Sua festa artistica no Avenida

Constituiu uma verdadeira glória a noite de 2.^a feira, neste teatro onde o já popular e grande cómico Silvestre Alegri fez a sua festa, apresentando-se na já conhecida comédia «O Comissário de Policia» onde êste querido actor tem uma das suas corôas na criação de «Pigmalião Sereno».

Artista como Silvestre Alegri era de esperar como foi da parte dos seus inúmeros admiradores a manifestação de carinho que lhe dispensaram.

Silvestre Alegri deve pois sentir-se orgulhoso desta noite, de alegria e bem estar e do quanto o público o estima.

J. M. B.

diz = se

♦ Que em breve irá abrir as suas portas o teatro Maria Vitória para reaparição da querida artista Maria das Neves, após uma digressão por terras do Brasil e Argentina, onde só exitos obteve.

♦ A organização dessa companhia de que Maria das Neves faz parte, deve-se ao inteligente e arrojado empresário Lopo Lauer.

♦ Vai assim o popular teatro do Parque Mayer e o seu público vêr novamente Maria das Neves triunfar na sua carreira brilhante, há muito conhecida.

♦ Para abertura subirá à cena a opereta «As lavadeiras» cujos ensaios já começaram.

UTILIDADES DESPERDIÇADAS



ARTISTAS DESPORTEGIDOS DA SORTE

Entre a grande familia teatral e principalmente entre a classe dos actores, houve e ha-de haver sempre os que o publico conhece pelo seu nome feito em grandes parangonas e incensados pelo jornalismo, mesmo que a sua classificacão seja mediocre, bastando só «o grande reclame feito á sua volta para que se hipnotise o publico, que, como em todos os casos, vze sempre atraz desses reclames que na maior parte das vezes é para servirem amigos. Temos lido muitas vezes grandes notinas com mil e um adjectivo a qualquer individuo e logo a seguir o autor desse artigo sentado há mesa do café desmente totalmente aquilo que escreveu e então, diz ele — «foi um frête que me incumbiram de fazer».

Desta forma, quantos há no galeiri do Teatro, cujos glorias, escritos em prosa ou cantados em versos, são o mais mitologicos possíveis, porem outros esquecidos de todos, pela sua modestia, ou pela ignorancia de quanto vale a vaidade, vão austando há anos e a custa, de muito trabalho e da sua relativa intelligência, uma vida de verdadeiro sacrificio.

Enquanto uns absorvam milhares de escudos mensalmente, á sombra de um valôr que lhe crearam e não do que verdadeiramente teem, outros há que, vêm ás mezes e passam os mezes sem um simples cachê em qualquer teatro, passando a vida a correrem para a associacão de classe a pedir o misero subsidio que nem para a renda da casa chega.

Até mesmo os grandes lá vão, — logo que estão um mez sem contracto como são grandes o subsidio é maior, muitas vezes maiores, como se na necessidade ao barrigas sejam diferentes.

Mas são os da propria classe que não dão a protecção aos seus colegas e em lugar de os ajudarem

◆ O elenco da Companhia Maria das Neves foi rigorosamente escolhido, nêe fazendo parte grandes e valiosos elementos do género.

◆ Do reportório faz parte uma revista modernissima e uma opereta cuja autoria é nova e esperada como um exito.

◆ Fazemos votos para que Lopo Lauer e a sua empresa seja coroada com o valôr que merece.

não digo materialmente, pelo menos moralmente pelo contrario, amesquinham-os, apontando defeitos, e até mesmo a estragar avida desses seus colegas.

Pois bem, é justamente a uma dessas victimas que eu vou passar a referir-me sem que para isso eu desde já não deixe de dizer que, é um modesto, cujo valôr é relativo, mas cujo direito é vida é tão grande como a dos nossos azes, que, de tão grandes que são já tem provado sêr os azâres de algumas empresas.

Pinto Junior

Eis aqui um nome, que não é pomposo, e a quem os seus camaradas apodam de variadas coisas más.

Porquê? Porque, teve a infelicidade de cair na obscuridade e de não ter quem lhe pagasse o bilhete para subir o ascencôr da gloria isto sem reclame á companhia — soubessem levar a vida rastejando pelos escritorios das empresas a esmolar sequer uma simples rabula.

Conheço Pinto Junior á bastantes annos, das feiras, dessas feiras que foram a escola de muitas glorias do passado, do tempo em que todo aquele que se sentisse com veia podia representar sem licença, e não como agora, em que o actor não deixa qualquer estranho entrar para a classe mas acha-se com o direito de sêr desde empregado publico até caixeiro de praça que vende latas de sardinha ou licôr de jinga, infiltrando-se assim noutros modos de vida em que não existem licenças.

Mas vamos ao Pinto Junior, que conheci nas feiras e não só destas mas ainda nos grandes Teatros como por exemplo no Teatros Nacional em 1919, na companhia Taveira «O Fado» opereta no Trindade, Eden, etc, etc,

Na provincia, tem corrido quási todos os teatros, levando o até aos pontos onde nunca ninguem foi por falta de comodidades, que geralmente é sempre um caso a ponderar entre a classe Teatral — A Comodidade.

Os seus elencos são sempre formados para colegas que como ele esquecidos de todos procura sempre dar a ganhar os meios de viverem, mas coisa singular num — Aldrabão como lhe chamam — é que paga sempre, não ficando a dever, por onde passa.

Bem intencionado, agrega a si

— capitalistas, julgando que poderão ir assim mais longe os seus vastos desejos de progredir, mas engana-se, pois julgando ter ido buscar um auxiliar, pelo contrario, dá todo o seu esforço e não vê os seus desejos satisfeitos porque o capitalista em que ele confia é sempre um falido.

Assisti uma vez na Moita a uma cena que bem demonstra o espiri, o de seriedade de que é dotado.

Acabado um espectáculo que ali fôra dar com a sua companhia, espectáculo esse que era contratado, o socio capitalista, recebe o dinheiro e não queria pagar á Companhia.

Então Pinto Junior obrigou-o a pagar tudo, não consentindo que a sua companhia viesse para Lisboa sem que recebesse o que era de direito.

Muitas vezes Pinto Junior, grêga a si camaradas que em lugar de o ajudarem, pelo contrario, lhe escangalham a vida deixando-o só.

São talvez esses os taes que sendo-o, lhe chamam Aldrabão.

Com que direito se abandonam assim, uma utilidade deixando andar aos baldões sorte, e não lhe dão trabalho relativo a sua categoria, evitando que desprotegidos pela sorte sofre ainda por cima, desgostos como Pinto Junior já tem passado?

Porque, n'uma epoca em que as revistas nascem como as orugas e onde os elencos são sempre os mesmos, com estrelas e estrelos de grande alimento, não procuram dar trabalho a pequenos satelites como Pinto Junior.

A falta de união e a má camaradagem que existe no meio teatral é a causadora, que elementos como Pinto Junior e outros,

(Continuac na página 16)

C · A · R · T · A · Z

S. Carlos — ás 21,30 — Os hospedes da D. Espifania.

Nacional — ás 17,30 — Recital — Serão Vicentino.

Trindade — ás 20,45 e 22,45 — Las Faldas.

Politiana — ás 20,45 e 22,45 — A viela dos gatos.

Leiam A «Semana Portuguesa»

FORÇADOS a interromper o nosso inquérito sobre a falta de camas para doentes nos hospitais, em virtude da campanha mesquinha e desleal do sr. João Pereira da Rosa a três ilustres médicos portugueses, eis que se nos depara um outro caso que pela sua gravidade, não pode sofrer delongas na sua reprodução.

Não é a primeira vez que chegam à nossa redacção, as mais variadas queixas e protestos, sobre a forma como se pratica de há um tempo a esta parte, a assistência médica ao pessoal que labuta dia a dia nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Causticado por vezes com horas de serviço extraordinário em serões que o Estado lhe não paga, não tem ao menos quando doente, as facilidades de tratamento que legitimamente tem direito e que humano e justo seria que usufruísse.

Existe é certo, o decreto n.º 15.045 de 22 de Fevereiro de 1928, que mais adiante reproduzimos e que concede ao pessoal internamento gratuito em quartos particulares quando pertence aos serviços de secretaria e em enfermarias gerais, quando se trata de pessoal de categorias inferiores e que presta serviço noutras secções hospitalares.

Existe igualmente ao que nos consta, a Ordem de Serviço n.º 1.294, de 4 de Agosto de 1930, da autoria do actual Enfermeiro-Mór sr. João Nepomuceno de Freitas, que concede aos funcionários o direito de se utilisarem dos medicamentos descritos no Formulário, de Medicamentos dos Hospitais, quando sejam receitados pelos clínicos que ali prestam serviço.

Mas, *nem tudo o que luz é ouro*, diz o ditado, e estas regalias que à primeira vista se nos tornam muito simpáticas pelo fim mutualista e generoso que revelam e que orientou os seus auctores, tem sido de tal maneira interpretadas, ou antes deturpadas, que hoje se tornam quasi nulas em vez de úteis e proveitosas.

A lei em questão, não nos diz nos seus vários artigos e parágrafos se o funcionário só tem direito ao internamento hospitalar quando gravemente enfermo ou em estado desesperado.

O que nos diz, e isto muito claramente, ao alcance de todos os cérebros e sem sofismas nas interpretações, é que o funcionário tem direito ao internamento gratuito quando doente, quer a doença seja grave, quer a doença seja simples ou curável em poucos dias, tenha ou não tenha complicações,

Muitas vezes, e não raras infelizmente, uma doença que no seu início se nos afigura simples e insignificante, pode (isto diz a fonte autorizada da ciência) tornar-se fatal ou incurável, por se lhe não ligar importância, ou por se lhe não ter acudido em tempo.

Porque rasão pois, só se admitem com baixa nos hospitais os funcionários quando gravemente enfermos, ou quando lhes seja necessária uma intervenção cirurgica???

Dizem-nos que por economia hospitalar assim se procede, mas se assim é, ocorre-nos perguntar: Não perderá muito mais a economia hospitalar com o agravamento da doença dos seus funcionários ocasionada pela pouca atenção que

lhes merece o funcionalismo e com o desleixo que só revela pobreza de espirito de quem tal manda?

Ou a saúde dos funcionários não é rasão suficiente para que se respeite e prese na devida conta, para que possa andar à mercê de espiritos maldosos ou economistas?

Mas desgraçadamente, não é tudo, o decreto diz-nos que a assistência aos funcionários deve ser prestada gratuitamente pelos cirurgiões que prestam serviço no Banco do Hospital de S. José ou pelos assistentes da clinica médica que fazem parte da Junta Hospitalar de Inspeção.

Acontece porem, que esta junta já não existe nos hospitais porque foi extinta pelo decreto n.º 19.478 de 18 de Março de 1931, deixando portanto de existir tambem os assistentes que dela faziam parte por força do disposto neste diploma.

Ora os médicos cirurgiões do Banco bem como os assistentes da extinta junta, nunca receberam ao que nos consta, a mais simples remuneração pelos serviços de assistência medico-cirurgica prestado ao pessoal, deixando portanto por essa rasão, de ter responsabilidades ou a mais simples obrigação de prestar serviço a quem lhes não paga.

Mas o mais interessante, é que os médicos que até ao presente têm tratado o pessoal, têm-no feito únicas e exclusivamente por, amizade para com o funcionário doente, ou por absoluta generosidade.

Sendo assim, como pode o doente exigir do medico que o trata por autentica caridade, assiduidade nas

suas visitas, atenção e cuidado para a sua infelicidade?

Isto é grave, e tão grave sr. Enfermeiro. Mór, que já um funcionário faleceu (isto diz-nos a familia) porque os medicos que o trataram não recebendo remuneração alguma pelo seu trabalho, lhe não prestaram os cuidados que a sua doença exigia para que o doente venesse a crise que o atormentava.

Este funcionario, dizem-nos que o sr. Carlos Dionisio Ferreira da Costa, 3.º official da Secretaria da Direcção Geral, esteve apóz uma operação de ulcera no estomago, oito longos dias sem assistência medica a contar do dia da intervenção!!!

Resultado: uma Peneumonia (muito frequente em operados é ainda a ciencia que o afirma) e que lhe sobreveio após a operação, roubando ao carinho da familia e ao convívio dos colegas, quando tudo indicava que seria ainda muito larga a sua vida.

Outro caso ainda, o sr. Venancio Pinto Fiel do Economato que por sorte se salvou, mas que igualmente esteve votado ao abandono medico, quando internado nos quartos dos Hospitais Cívicos.

Mas há mais, ha muitos mais casos e tantos são, que impossível se torna descreve-los nas suas varias formas e aspectos.

A quem ha-de a familia recorrer pedindo as providencias que um caso tão grave requiere?

Certamente, que o Ex.º Enfermeiro-Mór ignora estes casos, certamente, que ninguém lh'os conta,



LIM CASO GRAVE!

EM VISTA AO EX.º ENFERMEIRO-MOR DOS HOSPITAIS CIVIS

certamente, que evitarão até que cruzem os humbraes do seu gabinete de trabalho, mas é preciso que lá entrem, é necessário que se lhe tornem conhecidos para que tome as providencias que semelhantes casos requerem para que se não repitam e para que como é justo se lhe dê um solutar remédio.

A vida d'um funcionario entendemos que representa para a familia uma preciosidade, para que deva andar ao belo capricho de qualquer sem que se lhe peçam responsabilidades.

Mas sobre medicamentos, urgente se torna tambem que o sr. En-

fermeiro-Mór nomei os medicos necessários a quem os funcionarios possam recorrer quando doentes afim de serem observados e medicados convenientemente, sem que precisem de andar mendigando de medico para medico, de cirugião para cirugião, para que lhe assinem uma receita de que carecem para o tratamento, perdendo horas que fazem falta ao serviço que desempenham, sem a vergonha de se humilharem nem de sofrerem vexames de ninguém.

E' vergonhoso que funcionarios protegidos por um Decreto e ao abrigo duma Ordem de Serviço vivam na contingencia de mendigar aquilo a que legitimamente tem direito, tanto mais que tratados a tempo podem evitar graves enfermidades e nisto não só lucra o funcionario porque evita dar baixa ao hospital, mas muito principalmente o Estado que tem a maxima conveniencia em poupar a saude dos seus funcionarios para que sejam uteis e não prejudiquem com doenças o serviço.

Considerando não ser justo que certas classes do funcionalismo dos Hospitais Cívicos de Lisboa tenham de pagar o seu

tratamento nos mesmos Hospitais quando outros individuos a eles estranhos usufruem a regalia da sua hospitalização gratuita;

Atendendo ao que sobre o assunto me representou o Enfermeiro-Mór dos Hospitais Cívicos de Lisboa;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do art. 2.º do decreto n.º 12740, de 26 de Novembro de 1926; sob proposta do Ministro do Interior;

Hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º — Todo o pessoal vitalicio ou contratado, em serviço, na inactividade ou aposentado dos Hospitais Cívicos de Lisboa tem direito a ser tratado gratuitamente nos quartos e enfermarias dos mesmos Hospitais, competindo à respectiva Direcção determinar o local da hospitalização de harmonia com as categorias dos funcionários.

§ único. A assistência medica do pessoal internado nos quartos ficará gratuitamente a cargo dos assistentes de clinica cirurgica em serviço no Banco do Hospital de S. José, dos assistentes de clinica medica que fazem parte da Junta Hospitalar de Inspeção e do pessoal clinico dos serviços de especialidades, excepto quando o doente haja escolhido outro facultativo dos quadros hospitalares.

Art. 2.º — Fica tambem abrangido pelo disposto no artigo antecedente, nos termos do § 2.º do art. 1.º da lei n.º 556, de 6 de Junho de 1916, o pessoal da Provedoria Central de Assistência de Lisboa, em serviço, na inatividade ou aposentado, que para ali transitou dos Hospitais Cívicos de Lisboa por virtude do decreto-lei de 25 de Maio de 1911.

Art. 3.º — Este decreto considera-se em vigor desde 1 do corrente mês e revoga a legislação em contrario.

O Ministro do Interior assim o tenha entendido e faça executar.

Paços do Govêrno da República, 22 de Fevereiro de 1928. — (a) António Oscar de Fragoso Carmona — José Viceute de Freitas.

Decreto n.º 15043

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.

Este decreto altera o artigo n.º 205 do Regulamento Geral da Administração de 1901.



Nem todos os bebés bonitos são bebés NESTLÉ, mas todos os bebés NESTLÉ são bebés bonitos.

C • I • N • E • M • A

TIVOLI — «Louco pelo cinema».

Nêste filme tudo se conjuga para fazer dêle uma das melhores produções cómicas que temos tido ocasião de apreciar.

Quer pela superior e habilidosa interpretação, quer pelo argumento e técnica o público diverte-se da primeira à última cena sem esforço, naturalmente, seguindo a figura de Harold, a quem sucede as mais fantásticas peripécias, até conseguir ser um «castro».

Dentre outras, destacam-se a cena do baile e a da luta no navio, que pelos «gags» tão engenhosos e divertidos mantêm a plateia em constante gargalhada.

Nos principais papeis: Harold Lloyd, que tem talvez a sua melhor interpretação, muito natural e

habilidosa. Constance Cummings muito bem os restantes secundam com agrado.

Fotografia boa. O argumento feliz pela sua claresa e fácil compreensão.

Um film da Paramount, agradável sob todos os aspectos.

V. C.

A. F.

ODEON e PALACIO — «A Grande Parada».

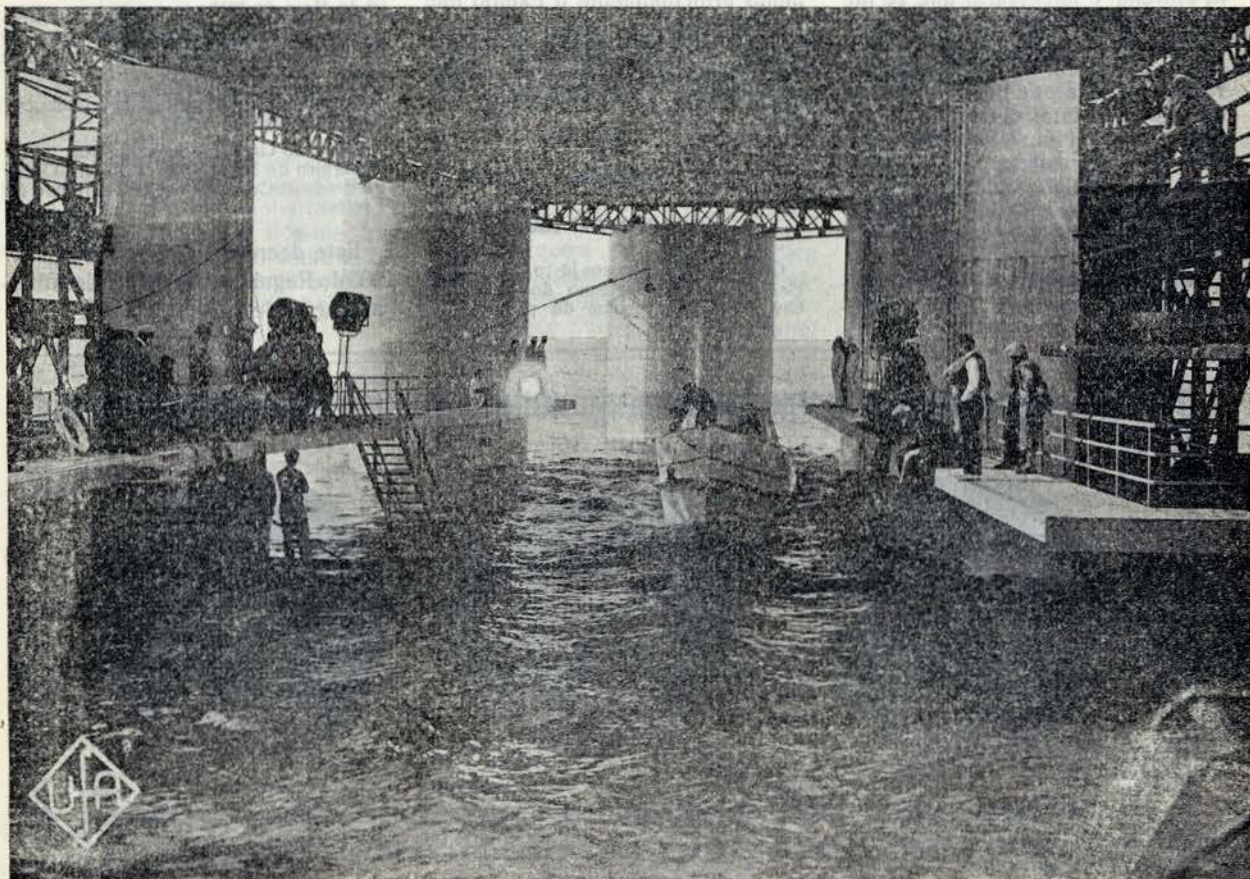
Embora o cinema nos tenha já apresentado ótimas produções baseadas no grande conflito europeu, «The big parade» constitue ainda hoje espectáculo grandioso. Principalmente numa época em que uma nova guerra parece espreitar os povos, esta película vale como oportunidade.

«Grande Parada», o primeiro filme que nos pretendeu mostrar a carnificina de 1914, reapareceu agora sonorizada, pena sendo que a sonorisação não seja perfeita, atingindo no entanto um certo equilíbrio, no ruídos e nas canções.

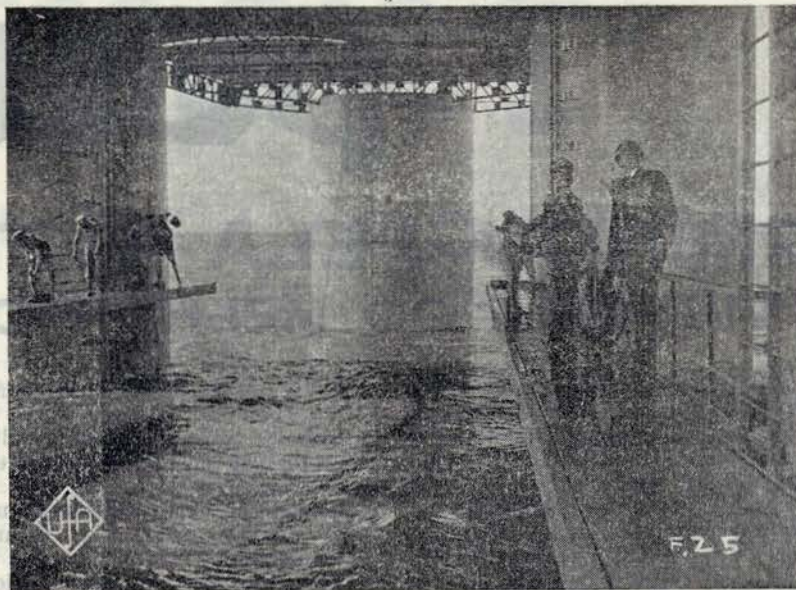
CONDES — «Os 3 Mosqueteiros».

O público sempre desejoso pelos romances de aventuras acolheu com bastante interesse esta produção extraída da obra de Alexandre Dumas, e que já pela terceira vez merece a consideração dos realizadores.

D'Artagnan, o destemido, foi agora interpretado por Aimée Simon



Para a filmagem de «I. F. I, não responde», Erich Pommer fez construir a plataforma flutuante em tamanho natural. Nela foram empregadas 4.000 toneladas de material de construção.



A gigantesca plataforma assenta sobre quatro filas de flutuadores

Girard que representou bem, mas foi um mau esgrimista.

Douglas Fairbanks quem primeiro deu vida a essa figura criada por A. Dumas tem condições para ser um melhor esgrimista, possuindo mais mobilidade, manejando a espada com verdadeiro conhecimento.

Bem observadas as cenas da côrte.

O desempenho é perfeito por todos os intérpretes.

Fotografia boa e sonorização que não desmancha o conjunto.

A. F.

SÃO LUIZ — «Ama-me esta noite».

Um filme possuído duma graça que não ofende; pelo contrário, o riso surge-nos espontaneamente.

Rouben Mamoulian foi um bom realizador.

Duma história de amor, simples nas suas linhas gerais, deu-nos uma película de belos efeitos cinematográficos.

A acção descreve-nos as diversas fases duma alma de mulher a quem por um casamento hipotético não foi dado conhecer o Amor e que procura uma alma jovem como a sua, que a possa compreender...

Jeanette Mac Donald foi uma figurinha bonita, elegante. A seu lado Maurice Chevalier, com a sua boa disposição, teve neste filme talvez a sua melhor interpretação.

Enfim: uma fita curiosa, com boa música e canções agradáveis.

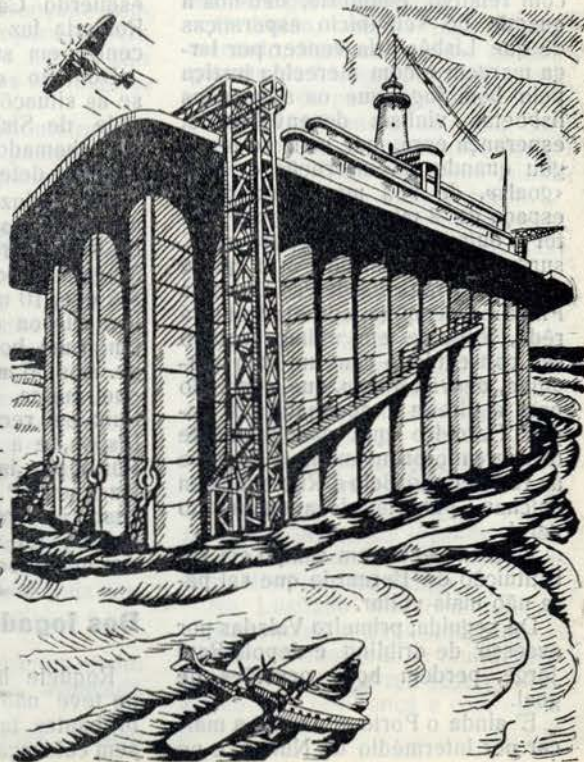
A. F.

GINASIO — «Mulheres suspeitas».

São já do agrado do nosso público certos casos de amor vividos à maneira americana,

O filme «Mulheres suspeitas» todo êle passado em New York, gira à volta duma novela de amor com o seu quê de excentricidade, e que é amenizada por um terno fiozinho sentimental.

Miriam Hopkins e Philips Hol-



Com 500 metros de comprimento por 150 de largura, «I. F. I.», a primeiro ilha flutuante destinada a servir de escala aos aviões transoceânicos, ergue-se no meio do mar.

mes, representando com os seus dotes de grandes artistas, valorizam este filme, que tem ainda como motivo de agrado, cenas curiosas, sobretudo com um certo dinamismo.

Fotografia boa e uma regular sonorização.

A abrir o programa o documentário português «Adubações», que merece referências especiais.

A. F.

C I A R I T I A I Z

- Tivoli — «Os meus meninos»
- S. Luiz — «I. F. I. não responde»
- Central — «Não quero saber quem és»
- Ginásio — «Os 6 misteriosos»
- Chiado Terrace — «Amante improvisado».
- Condes — «Os 3 Mosqueteiros»
- Odeon — «O Pecado de Madelon Claudet»
- Olympia — «Melodia Cubana» e «Romance»
- Royal — «O rei dos Palaces»
- Palácio — «O Pecado de Madelon Claudet»
- Lys — «A menina do harmónio»
- Paris — «Viagem de Nupcias»
- Jardim Cinema — «Emilio e os detectives e o tigre»
- Europa — «Um príncipe que nunca amou»
- Capitôlio — Cinema Sonoro
- Palatino — Santo Ambró — Filmes sensacionais
- Salão Portugal — C. da Memória.
- Promotora — Calvário.
- Cine Rocio — Arco da Bandeira.
- Belgica Cinema — R. da Beneficencia.
- Ideal — Rua do Loreto.

PECO SPORT

TERMINOU PELA VICTORIA DE LISBOA POR 5-4 A VICTORIA DO MELHOR COM UM RESULTADO INJUSTO

PERANTE razoável assistência efectuou-se no passado domingo no campo do Stadium o 28.º encontro entre as formações do Porto e Lisboa, encontro este que ansiosamente era aguardado, quer pelo publico quer por os jogadores, pois nele estavam depositadas todas as esperanças de uma reabilitação, do desaire sofrido no Porto.

Infelizmente o nosso sector defensivo não quiz que assim succedesse permitindo por absoluta falta de atenção ou de cuidado que o Porto alcançasse um resultado que não merecia, brindando-o com a oferta gentil de 5 «goals» o Porto que terminou a 1.ª parte em vencedor por 3-2 deixou-se dominar largamente na 2.ª em que Lisboa fez 5 «goals» contra 1.

O Jogo

A 1.ª parte, parte que decorreu, com relativo equilibrio, deu-nos a quando do seu inicio esperanças de que Lisboa iria vencer por larga margem e com merecida justiça pelo bom jogo que os avançados lisboetas vinham desenvolvendo, esperança essa, que mais se arrebou quando da marcação de dois «goals», de boa marca, no curto espaço de 2 minutos, um, por Victor e outro por Valadas; até que... surgiu o 1.º goal do Porto, que é a primeira falta da defesa Lisboaeta Pinga e Mesquita, surtem frente a rede, Roquete em ultimo recurso sai, conseguindo com um bom mergulho, desviar a bola, que, segnindo para a direita e apanhada por Lopes Carneiro que absolutamente desmarcado prontamente a devolve ás rédes, onde Belo e Ruy deixam anichar, perante desapontamento geral.

Valentim entra em campo em substituição de Bernardo que sai para não mais voltar.

De seguida, primeiro Valadas por excesso de dribling e depois Raul Jorge, perdem boas ocasiões de goal.

E' ainda o Porto que volta a marcar por intermédio de Nunes, e no

qual Roquete teve a sua parte de culpa por sua colocação e assim temos o empate mas, não fica por aqui, logo apóz, Augusto Silva capta a bola dentro da grande área, mas demora demasiadamente a aliviar tentando o passe em ultimo recurso cre-mos que para Roquete, mas, surge Nunes, que antecipando-se a Roquete a apanhar a bola marca á vontade e coloca o Porto em vencedor.

Com êste resultado termina o 1.º tempo.

A destacar Alvaro pereira, Carlos Alves, Pinga e Silva pelo Porto; Xavier, Raul Jorge, Valadas e Vitor por Lisboa no decorrer dêste tempo.

2.ª Parte

Lisboa apresenta José Luiz a ponta esquerda e Valadas a interior o Porto traz Maximino a medio esquerdo Castro substitui Pinga e Romariz faz o lugar de avançado centro em substituição de Acácio.

Dominio de Lisboa succedendo-se as situações de perigo junto da rede de Siska que constantemente é chamado a intervir efectuando algumas defesas de valor,

Aos quinze minutos José Luiz aproveitando um toque de cabeça de Vitor marca com um bom tiro o 3.º goal lisboeta, e o empate fica; até que, 10 minutos após, Vitor coloca Lisboa em vencedor, aproveitando um bom centro de Raul Jorge. Aos 36 minutos, é ainda Lisboa que marca, por intermedio de J. Luiz em recarga a uma defesa de Lisboa, e a dois minutos do fim o Porto por intermedio de Romariz faz o seu 4.º goal que para bem fechar, a tarde generosa da nossa defesa, foi ainda culpa dela por sua má colocação.

Dos jogadores

Roquete bem, aparte o 2.º goal, no teve não entanto uma das suas brilhantes tardes. Jurado e Belo, sem colocação definida.

Ruy d'Araujo cousas boas e más muito pegado á defesa.

Augusto Silva uma tarde infeliz Almeida que jogava deslocado fez por cumprir.

Raul Jorge bem pena sendo que não tente mais vezes a sua «chance» ao goal.

Xavier, o melhor do «team» Vitor Silva pouco combatido de resto bem.

Bernardo enquanto em campo satisfêz.

Valentim não cumpriu Valadas bem embora um pouco receoso talvez por estar convalescente, José Luiz cumpriu com agrado.

Do Porto

Siska Optimo
Carlos Alves o homem de sempre.

Jeronimo não fez nem de longe esquecer A. Martins Gil, Castro e Maximino todos a mesma altura, enformaram do mesmo mal, deixando os extremos contrários absolutamente a vontade Alvaro Pereira o melhor portuense completo e igual do principio ao fim.

Lopes Carneiro bem tendo com Waldemar descidas perigosas Acácio apagado, Pinga enquanto em campo o Pinga de sempre Nunes confirmou dar um bom ponta, satisfazendo.

Romariz cumpriu.
Arbitragem de Ilidio Nogueira fraca mas desculpavel pela sua falta de treino.

A. M.

Belenenses 4 Boa Vista 0

Os teams entram em campo, sendo em primeiro logar o Boa Vista que saúda o publico, entregando o seu capitão, um bonito ramo de flores, ao presidente da Direcção do União Foo-ball de Lisboa,

De seguida alinham para a lucta apresentando o Belenenses todos os seus titulares excepto o extremo direito, que só chega a entrar quasi no final do encontro.

O onze do Boa Vista, depois das victorias conquistadas por scores expressivos, deixou neste encontro

muito a desejar, tendo sómente existido para dar, replica nos quarenta e cinco minutos da segunda parte, deixando que o Belenenses, incontestavelmente mais «team» exercesse grande pressão no primeiro tempo, sofrendo com isso a defeza, essencialmente Soares dos Reis, que salvou momentos perigosos,

Aos 10 minutos do encontro é marcado o primeiro canto contra o Boa vista, de que nada resulta,

Aos 14 minutos outro tambem sem resultado, que a defeza alivia sendo o esferico captado por Rodolfo que abre ao extremo direito, rematando este, que Reis defende.

Aos 20 minutos novo canto contra o Boa Vista sem perigo, de que resulta uma esplendida cabeça do José Luiz que sai pela linha de cabeceira, roçando o poste.

O Boa Vista tenta «furar», mas a má actuação da sua linha dianteira faz com que a defeza adversaria inutilise todas as suas tentativas e por isso aos 30 minutos torna a conceder novo canto.

Aos 32 minutos, Bernardo tem um bom remate, mas a bola sai alta.

Aos 37 minutos, Rodolfo atira ás redes, mas Reis defende com dificuldade.

Aos 40 minutos é ainda Rodolfo que sósinho em frente de Reis lhe concede a bola, atirando-lhe para as mãos.

Aos 42 minutos, Bernardo abre ao extremo esquerdo, este corre, interna-se e isolado, marca como quere.

Com a influencia dêste ponto, o Boa Vista parece querer reagir, delineando uma avançada pelo extremo direito que imediatamente cruza o jogo, dando ensejo a que o extremo contrario, numa das melhores ocasiões, senão a unica, podesse estabelecer o empate.

E assim finda a 1.ª parte com 1-0, a favor dos azues.

Jogaram pelo Boa Vista: Soares dos Reis; Luzia e Oscar (cap.); Reis, C. Pereira e Guimarães: Lima Vasco Nunes, Costura, Ferraz e José Silva.

Os Belenenses apresentou: Moraes Simões e Belo; J. Almeida, Augusto Silva e Cesar; J. Monteiro, Heitor, Rodolfo, Bernardo e José Luiz.

Na segunda parte o Belenenses constituiu mais jogo, contribuindo Augusto Silva, fazendo com que os seus homens consolidassem a victória, tendo o Boa Vista resistido, embora com pouca sorte, proporcionando até melhores avançadas que no primeiro tempo.

E tanto assim que a defeza Belenense é obrigada a entrar logo em acção, dando lugar á marcação do primeiro canto; isto aos 2 minutos.

Aos 5 minutos, nova penalidade contra o team do Porto.

Aos 5 minutos, outra mas contra os azues.

Até que aos 6 minutos, o extremo esquerdo J. Silva centra com cuidado, salvando Augusto Silva, em recurso.

Aos 12 minutos o avançado centro do Boa Vista prepara-se para atirar, mete «mão», o arbitro não assinala, continua, mas Moraes defende.

Aos 14 minutos, J. Monteiro centra, Rodolfo segura, passa a Bernardo que imparavelmente marca o 2.º goal.

Aos 24 minutos apóz algumas passagens, Oscar tenta aliviar o seu campo mas falha aproveitando José Luiz para marcar 5.º ponto.

Aos 28 minutos, fugida do extremo direita do Porto, que internando-se atira alto.

Aos 31 minutos, nova tentativa que o poste de Moraes defende.

Aos 32 e 40 minutos, dois cantos contra o Belenenses, sem resultado.

Aos 41 minutos avancada dos azues que Bernardo remata, defendendo Reis.

No ultimo minuto, José Luiz passa a Rodolfo que consolidou a victorio por 4-0.

No Boa Vista agradaram o medio centro, os defezas, o avançado centro e o Keeper.

No Belenenses, todos, menos

Heitor, que nos deu a impressão de cansado,

A arbitragem foi confiada ao Sr Mario Costa que deligenciou ser imparcial.

A. PINTO

União venceu o Lusitano (de Evora) por 3-2

Em jogo amigavel e presenciado por uma numerosa assistencia estes dois simpaticos clubs ofereceram-nos uma partida agradavel de seguir, emotiva, e de longe a longe com algumas jogadas de boa tecnica.

Os rapazes do Lusitano lutaram com grande entusiasmo, obrigando a defesa unionista a estar sempre vigilante.

Carlos Silva, varias vezes surpreendido com fortes remates, difficilmente defendeu.

A tecnica unionista foi duma maneira geral manifesta.

O União, «team» mais experimentado, digno competidor do campeonato de Lisboa, pertenceu lhe o comando da partida, exercendo um acentuado dominio na meia hora final em que os eborenses devido á falta de folgo acusaram nitidamente a pressão do adversario.

A primeira parte terminou com o resultado de 2-1 a favor do Lusitano.

O União desempata aos 20 minutos do segundo tempo, «goal» bem trabalhado por Valentim que depois de «driblar» as defesas do Lusitano centra junto á linha de cabeceira, aproveitando Caria para rematar com exito.

Êste jogador foi ainda o autor da bola da vitoria; alcançada já no final resultou tambem duma passagem do «pequeno» jogador Valentim, que ontem foi o conductor da linha dianteira do União,

No Lusitano merecem referencias especiais o avançado centro e o extremo esquerdo, e muito particularmente o guarda-rêdes, encaixando com segurança e com estilo.

A. F.

COSTA DO SOL

Em serviço oficial da «Semana Portuguesa», anda percorrendo a «Costa do Sol», cuja distância vai de de Carcavelos a Cascais, o nosso chefe da Redação, Sr. Bandeira de Tóro, que vai por nós incumbido da organização do numero 9 da nossa revista a sair em 28 de Março com perto de 60 páginas, tratando em especial de propaganda de turismo, da linda Costa do Sol.

Semana Portuguêsa, roga para o seu representante a consecção das maiores facilidades, para bom desempenho da sua missão e agradece todo o auxilio prestado.

Medicos na China

Conta um viajante que percorreu a China, haver um costume original sobre os médicos. A lei castiga todo o médico que perde um doente obrigando-o a acender uma lanterna em roda da casa, de maneira que tantos obitos tenha tido o medico, na sua clinica, tantas lanternas a noite se vêem penduradas no bambú em volta de sua residência.

Em casa dos medicos velhos a iluminação é bonita, fecrica. O interessante é que os chineses só chamam os medicos de muitas lanternas, porque dizem eles, se os medicos perderam muitos doentes é sinal que teem maior clinica, são mais procurados, logo teem mais prática.

Assinem

A "Semana Portuguesa"

Artistas desportegidos da sorte

(Continuação da página 9)

andem por ahi, lamentando a sua sorte, fazendo equilíbrios, para os quais não ha maromba possivel que consiga dar-lhes a estabilidade a que teem direito.

Não serão uns azes de primeira, segunda, treceira ou até de decima categoria, mas são elementos, que dentro de uma companhia, certamente não vão ofuscar o trabalho dos grandes — a não sêr que me engane e seja este justameento receio, e então tenhamos a historia do «Rei vai de cuecas...»

Vejo passar por mimos tantos para quem a sorte lhe foi obscura e assim, irem morrendo lentamente, sem o amparo devido e quando lho'o dão, é ter pouco que até chega a ser um ultraje.

Fundou-se em Lisboa um grupo de rapazes quem deram o nome de Tostão Teatral com o fim de socorrerem os seus camaradas desempregados e invalidos.

Desses cinco rapazes, um só com a compreensão nitida das suas obrigações e esse foi Carlos Alves

Verdadeiro espirito de iniciativa, para quem não havia segredos do que era a má situação dos seus camaradas, sacrificando tudo até a sua saúde, para conseguir arranjar verba com que aumentasse os fundos necessários para, que todos os mezes podessem minorar a situação daqueles que do seu auxilio precisassem.

Mas dizia ele, devemos dar igualmente a todos e não fazermos distincção de categoria, o quê já não era do mesmo pensar dos seus camaradas de iniciativa.

Por este motivo e por minutos outros que me obstenho de expôr,

PENSAMENTOS

A ingratição descobre o vilão. O Sábio é o que considera mais ignorante entre todos, reconhecendo melhor a extensão ilimitada da sua própria ignorância.

A velhice reflexiva e um grande armazem de desenganos.

Sabemos melhor queixar-nos que agradecer.

M. MARICÁ

Aureliano Gonçalves Batista

Mais um colega, mais um amigo, que na força da vida parte para o alem Misterioso e ignorado, deixando atraz de si um punhado de saudades nos amigos e na familia o lucto as lagrimas e a fristeza.

Que descançe em paz o saudoso camarada a cuja familia enlutada apresentou a «Semana Portuguesa» o voto mais sincero do seu profundo pesar.

FOI

visado pela C. de Censura

Carlos Alves aboreceu-se e abandonou o tostão teatral, e como este era a sua alma, Morreu e Morreu mesmo.

Senhores empresarios e actores, vós tendes o devêr proteger, dando trabalho e o vosso auxilio moral a todos os vossos camaradas que como Pinto Junior, andam por este mundo com a mesmo direito que vós tendes; Vivêr!!!

J. M. B.

COMPANHIA PORTUGUEZA

DE

MARMORES E CANTARIAS

R. Augusta, 176 2.º

Telef. 2 2522

LISBOA

esta revista

foi executada nas officinaas gráficas de Alvaro Silva & J. B. Vicente, Limitada

94, Rua Luz Soriano — LISBOA

Um

próximo número da «Semana Portuguesa» é dedicado ao comércio e á indústria do

ESTO
RIL

TAUROMAQUIA

TOUROS de morte! Palavras sublimes que só por si fazem vibrar qualquer aficionado.

Sim, porque qualquer aficionado de verdade só o pode entusiasmar as corridas com touros de morte.

Muito se tem falado e muito se tem discutido sobre este assunto mas até hoje, infelizmente, nada se conseguiu.

Creio, com um bocadinho de boa vontade de quem com competência tratasse do caso, alguma cousa já se teria feito.

Proibiram-se os touros de morte! Não compreendo essa proibição.

Dizem que a causa principal é a Sociedade Protetora dos Animais, que se levantaria num ruidoso protesto.

Talvez isso se desse, mas, com certeza acabavam por se calar, com essa pieguice.

E, afinal esse protesto não tem razão de ser, porque, barbaro é o que agora se está fazendo.

Um touro depois de lidado deixa sendo morto, de existir o martírio, como lhe chamam.

Assim, como agora se faz, é que o martírio existe,

Srs. da Protetora! Que barbaridade encontram V. Ex.^{as} na morte dum touro numa arena, se ele depois de ser corrido diversas vezes terá igual sorte no matadouro?

Qual é a diferença que existe na morte dum touro, com o estoque ou com a choupa?

Srs. da Protetora! Onde está a barbaridade na morte do touro? Pelo facto de ser toureado uma só vez, morrendo em seguida de uma estocada em plena arena, onde são respeitados os meios de defesa com que a natureza os dotou?

Digam se, morrendo na arena ou

TOUROS DE MORTE

no matadouro, não é a mesma cousa. Existe apenas a diferença de que aqui é morto cobardemente, porque nem defender-se pôde.

Será barbaro e cobarde o homem que se perfila diante dum touro que investe ameaçando o adversário com as suas agudíssimas hastes, e que recebe daquele uma estocada que o faz estatelar na arena, como se tivesse sido fulminado?

Onde está a barbaridade na morte do touro? Desconheço-a e talvez pela razão dela não existir.

Mas, se a protecção apregoada para com os touros quer ter o seu fim verdadeiramente logico aqui lhe aponto alguns dados que po-

dem e devem ser tomados na devida conta.

Auxiliai para que haja touros de morte; porque é nas atuaes corridas que se atinge o maximo da crueldade.

E sabem os srs. da Protetora porquê? Porque os touros são toureados diversas vezes, tantas quantas o lavrador lhes dá na gana de os alugar. Porque o sofrimento é assim multiplicado pelos ferimentos recebidos e sempre curados com sal e vinagre, sempre na contigência de se agravarem expostos como ficam ás moscas em plena pastagem.

Uma vez assim toda a humanidade de apregoada não passa de piéguice.

Que sentimentos são os que V. Ex.^{as} possuem quando na companhia alegre da familia se banqueteiam com a *coelha* à caçador, enquanto os coelhinhos se debatem com a fome na toca onde a mãe os deixou?

Que sentimentos tão piegas são os vossos. Srs. da Protetora!...

Tudo isto acabará estamos certos, quando um dia apareça um Ministro do Interior que faça justiça completa, a nós aficionados das verdadeiras corridas de touros de morte, e acabe de vez com a benevolência tida até agora para com uma duzia de protetores piegas,

Um pouco mais de trabalho e boa vontade e tudo se conseguirá.

A. C.

Julio Gomes Ferreira & C. A. Ld. A

(Casa fundada em 1832)

Estabelecimentos: { 82, Rua da Victória, 88
166, Rua Aurea, 170
Fábrica: 17, Rua de S. Thiago, 19

INSTALAÇÕES

Sanitarias, Electricas, Aquecimento,
Balnearios, Mobiliário Hospitalar,
Salas de Operações, Contra Incendios,
Iluminação Cosinhas, Ventilação
Refrigeração

T. S. F.

Serviços d'Officina

Estudos e orçamentos Telefonos vendas a prestações
P. B. X. 21361-21362

Júlio das Farturas

Animado Salão de Festas do
PARQUE MAYER
cinema, variedades e orquestra jazz

Constantes e valiosas surpresas

Entrada grátis — Rigora selecção



PÁGINA DA MULHER

CIVISMO DE MULHER

ANDANDO, nos fins do século XIV, acesa a guerra entre Portugal e Castela, por causa da sucessão do trôno, vago por morte de D. Fernando, muitos fidalgos e alcaides de castelos se bandearam com o rei de Castela, contribuindo assim, para a perda da independência da pátria.

O alcaide-mór de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho, estava a ponto de fazer o mesmo, quando sua mãe, D. Brites de Moura, mulher de singular virtude e de ânimo varonil, sabedora do caso, foi procurá-lo e disse-lhe:

«Filho, os teus antepassados distinguiram-se sempre na lealdade e fidelidade à pátria! Se tu intentas deslustrar e manchar o nome que tens, embebe-me primeiro um punhal no peito, que eu não quero sobreviver à tua infâmia. Escolhe, pois, ou a honra, ou a minha morte. Serve a pátria, combate os seus inimigos e morre digno de seres meu filho!»

Gonçalo Vasques Coutinho, reconheceu então a infâmia que ia praticar, e conservou-se fiel à causa nacional, em cuja pról denodadamente combatu.



A MÚSICA E AS MULHERES

UM sábio alemão, que é também um músico notável, assegura que, para escolher espôsa, o homem deve prová-la por meio da música.

Para conseguir este fim, é preciso procurar a ocasião em que a mulher possa ouvir música de vários compositores de talento, e ir observando cuidadosamente as impressões que lhe produz cada composição.

Uma mulher que prefere as valsas, e especialmente as de Strauss, ha-de ser necessariamente de carácter frívolo. Se gostar de Beethoven, será uma artista, mas nunca uma mulher prática.

Se preferir a musica de Liszt, não há duvida, é ambiciosa.

Prefere Mozart? Então deve ser orgulhosa.

As admiradoras de Gounod são de character doce e predilecções românticas, o que não é para admirar, se nos lembrarmos do *Fausto*. O que não tem tão facil explicação é que todas as que preferem Offenbach são coquettes.

O gosto pela musica de Floton, um compositor já passado de moda denota uma alma vulgar.

Finalmente, as admiradoras de Massenet pecam por excesso de timidez, e as que bebem os ares por Wagner parece que são umas egoístas de marca maior.

Mas, em conclusão, o que parece é que o sábio alemão não é muito partidario dos exageros em assuntos de galantaria.



AS MULHERES MAIS ALTAS

Depois de têr tomado muitas medidas à estatura das mulheres francezas, inglezas e americanas, diz um médico que as mais altas são as inglezas e depois destas podem figurar as americanas.

A estatura media da mulher franceza é de um metro e cincoenta e cinco centímetros. A Yanke avanta-se á franceza em perto de cinco centímetros, e a ingleza é, em geral, um centimetro e um quarto mais alta que esta ultima.

Enquanto ao peso, a Yanke é superior às outras duas. O seu peso medio é de cincoenta e trez quilos e cento e dezoito grammas, aproximadamente.



Sinais de longa e curta vida

Lor-Bacon, o observador mais fino e o pensador mais profundo que tem existido sobre a superficie da terra, dizia que os sinais de curta vida são: pele branca e

macia, cabelo fino e sedoso, desenvolvimento rapido do corpo, corpulencia prematura, cabeça grande, pescoço baixo, boca pequena, orelhas grossas e dente raros.

E os sinais de longa vida, são: desenvolvimento tardio, cabelo aspero, pele dura, rugas profundas na fronte, carnes rijas com veios salientes, narinas largas, orelhas, cabeludas e dentes fortes e unidos.

Acrescentou que o encanecimento prematuro nada significa. Ha pessoas que têm chegado aos cem annos, tendo encanecido muito novas.



CULINÁRIA

CANGICA

COLHEM-SE as espigas de milho ainda em leite, isto é, verdes, lavam-se e passam-se ao ralador; a massa obtida junta-se-lhe depois leite, assucar e sal; leva-se num tacho ao lume, mechendo sempre até ficar com a consistência de creme; retira-se do lume, junta-se manteiga, põe-se na travessa e polvilha-se com canela.



Caprichos da moda

Na América do Norte, hoje muito em voga, entre outras estravagâncias, a de uma senhora que deseja dar em sua casa um baile, presentear cada uma das damas convidadas com um lindo corte de seda para um vestido.

Se a moda pegasse entre nós, quantos pedidos e empenhos se não arranjariam para se têr a honra dum convite para baile. Os americanos, às vezes, têm cada ratice, que são eles seriam capazes de pô-las em prática.

NOTA

Todas as perguntas das nossas gentis leitoras, deverão ser endereçadas à «Página da Mulher», Redacção da «Semana Portuguesa» Rua Luz Soriano 94.

Alvaro Silva & J. B. Vicente, L.^{da}



Trabalhos tipográficos para o
Comércio e para
a Indústria ■ Li-
vro-Jornal-Revista



Oficinas: 94, RUA LUZ SORIANO — LISBOA

Telefone automático: 28650